

A Fragilidade do Encanto

Série Visão Ministerial - Estudo V



“Passarinhos, belas flores querem me encantar. São vãos terrestres esplendores, mas contemplo o meu lar”

Este trecho de um dos hinos tradicionais mais conhecidos pelos cristãos traz o apelo de não se deixar encantar pelas coisas do mundo e ter como maior tesouro o lar celestial.

Se considerarmos que à época em que foi escrito a sedução do mundo pôde ser ilustrada pelo autor através de passarinhos e flores será impossível escapar da sensação de esmagamento da fé a que estamos sujeitos, dado o ponto a que chegaram a beleza e o encanto do mundo, com certeza muitíssimo mais sedutores e astuciosos.

Um programa científico importante na TV trouxe há pouco tempo a informação de que já houveram épocas na história da humanidade, inclusive a que chegou até próximo ao século XX em que um ser humano podia nascer, viver e morrer de idade sem que houvesse em todo este tempo qualquer novidade científica ou social que merecesse destaque.

Hoje em dia porém vivemos imersos na maré de inventos e avanços da ciência em praticamente todos os setores da sociedade cuja força passou por um verdadeiro “boom” a partir de 1900.

Este século está marcado na história da humanidade como a época em que o homem inventou máquinas de cura, de vôo, de cálculos, de transporte e até aquelas que o imitam, simulando seus movimentos e até sua fala! Hoje em dia muita gente trabalha em prédios chamados “inteligentes”, título que receberam por serem capazes de supervisionar e até interferir em seus elevadores, sistemas de ar condicionado, no-breaks, geradores, linhas telefônicas e elétricas, suprimento de água, luz, gás, etc...

Os carros também evoluíram muito – seguindo a tecnologia dos computadores alguns já atendem a comandos de voz – e por falar neles, os computadores hoje já são capazes de executar trilhões de cálculos por segundo e possuem processadores (pastilhas com menos de 20cm²) que abrigam dezenas de milhares de microcomponentes. Com tamanha capacidade de cálculos e correções foi possível, como vimos nos jornais televisivos, fazer um cego enxergar através de um equipamento conectado diretamente em seu cérebro.

Por causa desse “poder” tem sido possível construir máquinas com inteligência artificial (chamada de AI) capazes de, na forma de robôs, simularem algo do comportamento e da sensibilidade humana além de imitarem com relativa perfeição alguns animais.

Assim para garantir a divulgação destes encantos de realizações o homem moderno, que já há algumas décadas as tem divulgado pela televisão, agora também conta com a rede mundial de

computadores – a Internet, pela qual qualquer pessoa que possua um computador, ainda que velho e uma linha telefônica, pode a qualquer hora visitar ou ir virtualmente a qualquer parte do mundo, desde museus, igrejas e bibliotecas até lanchonetes e clubes além de poder efetuar compras ou vendas sem dinheiro vivo.

A inteligência humana conseguiu tamanhas realizações que praticamente não nos é possível dimensionar onde estaria chegando hoje se não tivesse caído lá no princípio de sua história.

Deste modo, considerando este estado decadente e separado de Deus (Rm 3:23) é que a beleza e o encanto deste mundo revelam um efeito “colateral” gravíssimo – a falta de tempo ou consciência da necessidade de reconquistar seu lugar diante de Deus, o que se tornou num dos mais comuns e cotidianos problemas da sociedade moderna.

Não bastasse isso, há outro fator tremendamente agravante: o ritmo do crescimento tecnológico é pareado pelo crescimento da iniquidade que, sob a forma da degradação moral, tem transformado a geração atual numa sociedade amante dos prazeres e serva de seu ventre (Rm 16:18; Fp 3:19).

Diante do exposto muitos perguntariam *“Mas isto não é natural? Não está dentro da natureza do homem moderno?”*

A resposta é afirmativa para as duas perguntas e para algumas outras que poucos ousam fazer, uma vez que o homem, estando separado de Deus está também entregue a sua própria natureza e portanto peca naturalmente tanto quanto naturalmente é escravo do pecado bem como por fim naturalmente também receberá o salário devido – a morte! (Rm 6:23).

E o que Deus está fazendo? Algum outro perguntaria.

Examinando a história da humanidade podemos ver que Deus sempre mostrou ao homem que seus mais brilhantes feitos sempre foram facilmente apagados ou subjugados pelas leis e fenômenos naturais do nosso planeta.

Notamos que especialmente nos eventos e conquistas onde o homem “exagerou na dose” do orgulho e arrogância é que recebeu as mais duras lições, desde o tempo de Noé, passando pela torre de Babel, pelas chamadas “Sete maravilhas do mundo antigo” até aos tempos modernos onde o navio Titanic, o dirigível Hindenburg e a nave Challenger confirmaram o mesmo recado.

Podemos ver também pela televisão como cidades bonitas e aconchegantes tem se transformado em monturos de lixo e destroços depois de assoladas pelos maiores tornados da história, enchentes de grandes proporções, terremotos frequentes, erupções de vulcões mortos e tsunamis impiedosos (ondas gigantes), etc.

Ao montarmos estes quadros podemos perceber, sobretudo quando reparamos nos números de pessoas mortas, que tudo não passa de ilusão – grandiosa e espetacular ilusão promovida por conquistas maravilhosas e excepcionais. Contudo não passam de uma beleza delicada, semelhante a daquelas belíssimas flores do deserto que de tão minúsculas, se desfazem facilmente diante de um vento mais forte ou pelo tocar dos pés de algum caminhante.

A verdade é que para uma parte da humanidade o conforto e a informação seculares se tornaram mais acessíveis, mas inclusos no “pacote” também vieram a uniformização dos conceitos e dos costumes, e de tal modo que atualmente o erro de uma nação logo se torna no erro de todas graças ao fenômeno da globalização social destes tempos modernos.

Essa realidade nos leva a meditar na Bíblia, onde vemos que nos tempos antigos a iniquidade da civilização humana podia ser corrigida quando Deus disciplinava ou extinguiu às vezes um único povo ou nação. Atualmente vemos que a predição bíblica para os últimos tempos não poderia ser mais exata e precisa quando relata a repreensão divina sobre todo o globo profetizada para os últimos tempos.

“Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor nosso Deus.” (Sl 20:7). Parece que o salmista conhecia bem a realidade da força humana. Ah se o nosso povo também descobrisse! O que dizer então das palavras do apóstolo Pedro:

“Mas os céus e a terra de agora, pela mesma palavra, têm sido guardados para o fogo, sendo reservados para o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios.” (2Pe 3:7)

Como se vê não é preciso meditar muito para se perceber como a beleza e a vaidade humana se volta contra a própria raça, pois se inchando em suas realizações os homens se esquecem de sua fragilidade e dependência de Deus.

Ultimamente, tendo me envolvido com um estudo no qual confrontei informações científicas com a realidade apocalíptica, descobri que a ciência convive cotidianamente com uma terrível expectativa – o planeta tem sido constantemente ameaçado por corpos celestes errantes que se atingissem a Terra fariam com que as profecias apocalípticas saíssem direta e literalmente das páginas da Bíblia para a primeira página de todos os jornais do mundo. Basta fazer uma pesquisa iniciando-se pelo site da própria Nasa (<http://www.nasa.gov>) para que se perceba que nem todo o avanço conhecido ou secreto da ciência é capaz de nos defender de uma surpresa cósmica.

Quem poderia descansar na força do homem, se o próprio Jesus disse que o juízo de Deus viria de surpresa?

Como confiar em nós mesmos se testemunhamos terremotos reduzirem cidades que levaram séculos para serem construídas em monturos de lixo, escombros e mortos? A verdade é essa – o homem não consegue se humilhar e reconhecer sua dependência e pequenice, é preciso haver maior empenho dos que já descobriram o Caminho para abençoarem os demais.

Que o povo de Deus se desperte e que os homens os ouçam, reconheçam e se concentrem com Deus... como seria bom se seguissem o exemplo de Nínive!

“No entanto, não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois um vapor que aparece por um pouco, e logo se desvanece.” (Tg 4:14).

Pr. Carlos V. Ricas
Nov/2000